

HEBDOMADARIO

Independente

Com circulação em
todo o Estado

A Semana

Expediente

Semestre (pelo cotizo) 35000

Avulso 100 rs.

Assignaturas e annuncios
são pagos adiantadamente

REDACTORES E COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO I

Florianopolis, 15 de Novembro de 1914

N° 1

"A Semana"

HEBDOMADARIO imparcial,
A *Semana* se apresenta hoje
aos catharinenses, sem pretenções nem
planos outros que o de ser estrictamente
uma modesta folha independente.

Parece-nos que o tempo do *chaleirismo* interesseiro deve acabar, soar a sua
ultima hora entre nós. Da nossa parte
elle não obterá o menor apoio.

E oxalá os caracteres impollutos
—que ainda os ha, e muitos, em nossa
terra — se dignem auxiliar nos e con-
fortar-nos.

15 de Novembro
1889-1914

AZ hoje 25 annos que desap-
pareceu o antigo regimen, fir-
mado e consolidado por varões inte-
meratos a quem devemos, quer directa,
quer indirectamente, a base do nosso
actual progresso.

Embora, no seu derradeiro periodo,
dirigida por uma mulher, nem porisso
a monarchia deixava de seguir a rota
previamente traçada para o desenvolvi-
mento da terra brasileira, desenvolvi-
mento este que a Republica não fez
mais que tornar sen e prolongar-o.

Si, para alguns, a Republica de hoje
não é a Republica sonhada, imaginada
na nossa aurora politica, simplesmente
porque o poder dirigente tem por bas-
tas vezes agido em coleios e zig-zags,
causando assim desillusão e magoa,
—outros muitos, tambem, aguardam con-
fiantes a solução do compromisso as-
sumido pelo Governo para com o Povo,
pela bocca do Marechal Deodoro.

A questão é o bem da Patria.

E' uma questão insolúvel, esta?

Não. Depende apenas duma reforma
moral profunda e —iamos a dizer— hy-
gienica.

Devemos crer que ainda ha por ali

homens incorruptiveis, homens d'antes
quebrar que torcer.

Assim que deve o Povo apresental-
os e elegel-os para guias e conselhei-
ros da reconstituição moral da nossa
Patria.

E' ainda tempo.

Deixa hoje a presidencia da Republica
o sr. Marechal Hermes da Fonseca, suc-
cedendo-o o sr. dr. Wenceslau Braz.

Praza aos ceus que o novo quatrien-
nio nos corra mais azul e mais doce, e
sem as apprehensões e os pesadellos do
extincto.

Todo smart deve fumar os cigarros **Gina**.

OS NOVOS(?)

A nossa lingua portugueza, tão bella,
tão sonora, tão engalanada para os tri-
umphos das alegrias, como melancoli-
ca para os threnos de piedade», tem
sido, de um certo tempo a esta parte,
horrivelmente deturbada por uma nova
pleiade de pseudos-litteratos. Antigamen-
te, parece mesmo que havia mais amor
às letras, do que hoje em dia: pelo me-
nos, varios eram os periodicos littera-
rios que surgiam á luz da publicidade,
ostentando em suas columnas magnifi-
cas paginas de litteratura, escriptas n'um
estilo elegante, sublime, maravilhoso...

Dentre os demais, salientava-se como
«primus inter pares» o valente «Sul
Americano», bem organizado, bem re-
digido, que conquistou verdadeiros tri-
umphos em a nossa Capital.

Actualmente dá-se o contrario. Os que
podiam ainda enriquecer as columnas
dos nossos jornaes com as suas mirificas
collaborações, esses, abandonaram infel-
izmente muito cedo o campo sagrado
das Bellas Lettras...

E appareceram então, semelhante a
uma nuvem de gafanhotos, muitissimos
escriptores piegas, notaveis jornalistas
de cassange, illustres poetas incompre-
hensiveis e oradores de fancaria.

Em «primo loco» quero assestar o
meu cabelle 42 em direcção ao extra-
ordinario centro litterario Castro Alves,
recentemente fundado nesta cidade, ten-
do como presidente o notavel homem
de letras dr. O. C.

Compõe-se de cinco academicos immor-
taes o magestoso Syllogeu, mas somen-
te dous dos seus mais augustos mem-
bros é que tem tido o despalante de as-
sassinar, sem escrupulo, o nosso tão diffi-
cil idioma. Chamam-se J. M. e N. N.
os incommensuraveis vultos do for-
midaloso cenaculo e são considerados,
segundo me consta, «la jeunesse dorée»
da grande arte. As suas produções, sem
forma nem estylo, publicadas nas sec-
ções livres dos jornaes, não têm diffi-
to á critica seria. Ambos, em materia de
portuguez, são zeros rotundos. Não co-
nhecem patavina da nossa lingua, odeiam
com indizivel rancor as regrinhas mais
corriqueiras da grammatica, ignoram
por completo a collocação dos pronome
s e vacillam em grande escala na
indispensavel concordancia. São terri-
veis os mequetrefes. Os seus sonetos,
eivados de erros e monstruosidades, for-
mam verdadeiras algaravias.

Abusam das rimas constantemente e
desconhecem in totum a metrica.

Em summa: —Estes vates consagra-
dos deveriam levar, nas suas alvissimas
mãosinhas, uma dúzia de bolos p'ra não
serem tão atrevidaços.

Jean

*** No Polygono do Tiro 40. será hoje
levada a effeito uma festa patriótica em
commemoração á data de 15 de Novembro.

No prova de tiro tomarão parte os sol-
dados do 8. de artilheria, Aprendizes
Marinheiros e praças do Regimento de
Segurança. Para assistir a essa festa, fo-
ram convidadas todas as autoridades ci-
vis e militares e o escol da sociedade
florianopolense.

Os cigarros I A vendem-se em toda parte
I A, eis os cigarros da moda!

***Sabemos que os srs arrendatarios da
Empreza de Agua, Luz e Energia Electri-
ca estão procedendo á revisão do imposto
d'agua, —augmentando-o sem dó nem
piedade.

Mas, por Deus! aonde se irá parar com
essa marcha? O imposto já é exaggera-
damente pesado; com a nova revisão,
ficará ainda mais peizado, duma forma
nunca vista!

Faz-te mister que uma voz se levante
e grite bem alto que o povo tem os seus
interesses —que são aagrados,— e sobre
os quaes não é licito lançar o rochedo
de tão incríveis onus.

Assignaturas

Todas as pessoas, a quem este numero for remetido, que no prazo de 6 dias para a Capital e 15 dias para o interior do Estado, não no-lo devolverem, serão considerados assignantes, sendo-lhes apresentado o talão ao fim do referido prazo.

A meu ver...

«A Semana» inicia hoje a publicação destas notas, tão cheias de graça feminina e também tão delicadas nos conceitos, — devidas á penna duma gentil patricia nossa, que se esconde sob o pseudonymo de «Carmen de Aguiar».

Os leitores, por certo, terão lido ha tempo e alhures esse sonoro nome de «Carmen de Aguiar». Lembra-se do «Argo» daquelle periodico litterario, — hoje morto, — dirigido por Altino Flores, Laercio Caldeira e José d'Acampora? Já lá vão quatro largos annos. As coisas, entre nós, tomaram nova feição. Si bem que as Letras soffressem uma estagnação pesada e morna, creaturas como «Carmen de Aguiar» não se deixaram influenciar pelas correntes do mimetismo; algumas, ao contrario, têm vivido uma tão intensa vida intellectual, que lograram um apuro difficilmente alcançado noutros meios.

«Carmen de Aguiar» é, pois, uma dessas creaturas superiores: modesta, estudiosa, intelligente, affável e sympathica, é enfim uma senhorita que encanta os salões onde sua graça irradia e honra o bello-sexo catharinense. Ella esteve com o «Argo» e ora está com a «Semana».

Desvanecidos pela sua collaboração, recommendamol-a aos nossos leitores, certos de que lhes proporcionamos um verdadeiro deleite intellectual.

A meu ver, ainda estamos muito atrasados no que diz respeito á educação feminina e — porque não dizel-o? — á masculina.

Na realidade nós não temos educação, seja ella moral, intellectual ou physica. Vivemos de preconceitos. O bébé, quando levado ao baptismo, o deve ser envolto na capa de Nossa Senhora. E porque? Acreditase que aquella grande capa azul, estrelada de ouro e franjada de seda, tem a mirifica virtude de fazer o pimpolho seguir pela vida a dentro com a ajuda do Céu... A criança começa a desenvolver-se numa atmosphera de formulas consuetudinarias, frequentemente caducas, cujas consequencias sobem tão de ponto até tornal-a num ser inconsciente, automatico, que age «assim» porque «assim» lhe recommendaram os seus educadores.

Ninguém attende ás vocações infantis, quando, segundo os melhores pedagogistas, é estudando-as e canalizando-as que a gente chegará a fazer das debéis creaturinhas de hoje, os caracteres firmes de amanhã.

A affeição sentimentalista dos paes não lhes deixa verem os pequeninos defeitos que ás vezes afloram na alma de seus filhos.

É isso é commum, muitissimo commum entre os catharinenses. Os nossos filhos são uns poços de bondade! Mas quem nolo dirá que amanhã, sacudidos pelos maus

instinctos e contaminados pelos maus exemplos, elles não venham a tornar-se a causa da nossa dôr e da nossa vergonha?

Com triste são os resultados duma falsa educação. Os quadros se desenrolam aos nossos olhos, tetricos e compungentes. Famílias ha que trazem seguidamente em seu seio as mais lamentaveis discordias: o marido resinga com a mulher, os filhos recalcitram sob a autoridade paterna desmoralizada, e mutuamente se insultam. Desse lar fôge o amor conjugal e o amor fraternal; ali succumbe a virtude e só por milagre a honestidade poderá resistir ao contagio pestilento; é por essa larga porta, sempre aberta a todos os males, que muitas creaturas deslisam e se afundam no lodo do Peccado.

A derrocada de um lar é uma desgraça tão lamentavel, relativamente, como a derrocada de um paiz ou de uma raça. As suas energias jamais se poderão reunir para operarem juntas, e são sempre as creanças os que mais soffrem que fatalmente tem de levar e espalhar pelo futuro adiante os maus exemplos contrahidos dos paes.

No seio da familia ha lugar para todas as virtudes, — e também, desgraçadamente, para todos vícios.

Carmen de Aguiar

Os cigarros I A não têm rival

*** No dia 19 do corrente algum moço, patriotas ardentissimos, pretendem realisar uma festa civica, em culto á bandeira nacional.

Agora, mais do que em qualquer outro momento, essa festa se torna necessaria. Ella servirá de «revanche» ao descalço que ao sagrado labaro da nossa Patria jogaram dois professores allemães, na cidade de Joinville.

O facto já é bem conhecido. Esses dois individuos, cujo merecido qualificativo aqui não estampamos por ser mesquinho de mais, — fizeram seus alumnos espelhar a bandeira brasileira cantando o hymnos allemães!

Esperemos que a Justiça os castigue e que a nossa mocidade, erguendo bem alto o nosso pendão, então aos quatro ventos:

Allons, enfants de la Patrie!

Gina são os melhores cigarros.

A honra do Imperio e o barbarismo Allemão

Tal é o titulo que o sr. Lloyd George, primeiro lord da Thesouraria da Grã Bretanha, deu ao discurso que pronunciou aos seus confraterneos do condado de Gales a 20 de Setembro e que tem sido muito apreciado. E' no estylo chão, claro e directo do conhecido tribuno e ministro.

Depois de um curto exordio entra logo no seu assumpto, e diz:

Ninguém ha aqui que considere a perspectiva de uma guerra com mais repugnancia do que eu, e toda a minha vida politica o prova. Também nesta grande sala ou fóra della não ha quem mais convencido seja de que ella se não pôde evitar sem deshonra nacional. (Applausos). Sei bem que quando uma nação faz guerra a outra invoca sempre a «honra», o sagrado nome da honra e sob sua capa com-

mettem-se neste momento os maiores crimes. Mas, ainda assim, a honra nacional é uma realidade e málestá a nação que a menos-preza. E a nossa honra estava empenhada neste caso pois tinhamos nos obrigado a defender a independencia, liberdade e integridade de um pequeno visinho que tem vivido em paz e que por ser fraco não podia desobrigar-nos de defendel-o. O homem que declina de cumprir com este dever porque o seu credor é muito pobre para obrigar-o a isso, é, senhores, um velhaco (Applausos).

Fizemos um contracto solemne de defender a Belgica e a sua integridade. Alli estão no documento as nossas assignaturas, pois não fomos os unicos que tomamos esse compromisso. A Russia, a França, a Austria e, senhores, a Prussia (apud geral) ali têm os seus nomes. Pretende-se agora que esse tratado é apenas um pretexto da nossa intervenção na guerra que queriamos e para a qual, entretanto, ninguém dirá que estavamos preparados. E' uma desculpa nossa para irmos agora procurar destruir a tal «cultura», a tal civilização superior. Mas nós respondemos a isso invocando o que fizemos em 1870. Era então chefe do gabinete inglez o sr. Gladstone e lord Granville o ministro dos estrangeiros, nenhum dos quaes era amigo da guerra ou «jingo». Pois pedimos então aos beligerantes que respeitassem aquelle tratado; — pedimos á França e á Allemanha. Naquelle tempo era de França que havia maior perigo para a Belgica, e não da Allemanha. Interviemos para «proteger a Belgica, da França, como agora para defendel-a da Allemanha. Convidámos os beligerantes que declarassem positivamente que não violariam o territorio belga. Que resposta nos deu então aquelle grande homem chamado Bismarck? Disse-nos que era «superfluo fazer aquella pergunta, á vista dos trabalhos existentes». E a França deu-nos identica resposta. Nesse tempo recebemos os agradecimentos da Belgica pela nossa intervenção, num documento notavel. E a municipalidade de Bruxellas dirigiu-nos uma mensagem em que agradecia á Rainha Victoria a sua intervenção. Dizia ella: «O grande e nobre povo a cujo destino presidis deu agora nova prova de seus sentimentos benevolos para com a nossa patria. A voz da nação ingleza foi ouvida por cima do tinir das armas. Assegurou os principios da justiça e do direito. Depois do inalteravel amor do povo belga pela sua independencia, o sentimento mais forte que elle nutre é o de impercível gratidão ao povo da Grã Bretanha». (Prolongados applausos).

Isto, meus senhores, era em 1870. Tres ou quatro dias depois da data deste documento, estava o exercito francez mettido numa cunha de encontro á fronteira belga, num circulo de aço e fogo das armas prussianas. A França tinha um meio de escapar. — era violar a neutralidade da Belgica. Mas os francezes daquelle tempo preferiram a ruina e a humilhação a que, brar o seu tratado, o seu compromisso de honra. O Imperador dos Francezes-marchaes, cem mil homens dos mais bravos do mundo preferiram ser levados captivos á terra inimiga do que deshonrarem o nome de seu paiz. Se violassam a neutralidade da Belgica, a historia teria escripta differente: a França tinha aparentemente todo o interesse em quebrar o tratado. Mas ella não fez tal. Agora era do interesse da Prussia violal-o, e ella o

fez! (Apupos, vaias). Ella sustenta desca-radamente que um tratado só obriga a gente quando é de seu interesse: respei-tal-o. O que é um tratado? pergunta o chanceller allemão. E' um fragmento de papel! Tendes por ali uma nota de cinco libras (riso) ou mesmo essas pequenas de 1 libra do Thesouro Nacional? Si as tendes, porque não as queimaes? São peda-ços de papel! De que são feitas sinão de trapos? (Risadas geraes). Mas, se-nhores, ellas valem todo o credito do Imperio britannico (Applausos). E' com pe-daços de papel que tenho estado lidando todo o mez. E verificamos que todo o com-mercio do mundo ficará em suspensão. Porque essa machina era esses pedacinhos de papel chamados letras de cambio. Ten-des visto algumas dellas, — ás vezes min-guadas, rabiscadas, anarrotadas: assim mesmo enfezadas são ellas, senhores, que movem os grandes navios, cumulos de mercadorias preciosas, com milhares de custosos carregamentos de um paiz para outro para paiz. Estes papelinhos são a força motora dos grandes navios, como os tratados são a circulação da politica in-ternacional. (Applausos repetidos). Confes-semos aqui, uma cousa, senhores: e seja-mos justos: os commerciantes allemães são tão honestos como quaesquer outros ho-mens honestos do mundo: mas se os seus instrumentos de credito cahirem no mes-mo nivel boixo de seu credito politico nenhum commerciante, de Shanghai a Val-paraiso, jamais quererá pôr os olhos em cima de uma assignatura allemã! (Estre-pitosos applausos).

(Continúa)

* * * Quinta-feira o commandante do va-por allemão «Ponthos» que se acha an-corado á Praia de Fóra e impedido de sa-hir, offereceu um almoço aos representantes da nossa imprensa e a outras pessoas do nosso meio, entre as quaes se achavam as seguintes: dr. Thiago da Fonseca, redac-tor d'O DIA, Crispim Mira, director da FOLHA DO COMMERCIO, dr. Chefe de Policia, Consul Allemão, Carl Bernhausen, Emilio Schneider, e outros.

Todo smart deve fumar os cigarros **Gina**

Delenda Germania

Um dos factos mais interessantes da actual guerra é o apparecimento, entre nós, de gratuitos defensores dos processos selvagens, postos em pratica pelos alle-mães, para obter a rendição das cidades e aterrorisar as populações.

Não se limitando a explical-os como a lamentavel consequencia da tenacissima resistencia opposta aos invasores pelos ha-bitantes do paiz, esses admiradores de bru-talidades inuteis acham de consideral-os justos e attribuir a puro sentimentalismo a reprovação geral que elles tem provocado.

Razoavelmente, ninguém poderá exigir que o artilheiro perca tempo precioso em regatear millesimos ao angulo de tiro, para que os projecteis não attingam a tal edificio, situado na direcção geral do fogo, ainda que o rigor dos methodos em tiro, para que os projecteis não attingam o ni-vel dos modernos appparelhos de pontaria permitam, na maioria dos casos, evitar estragos inuteis.

Assim o bombardeio da Cathedral de Reims ainda poderia estarestarem o numero das coisas inevitaves, por mais lamenta-vel que se afigurasse a todo o mundo,

se nas suas torres não tremulasse a ban-deira da Cruz Vermelha, indicando, como realmente se verificava, haver sido trans-formada em hospital de sangue.

O incendio de Lovain, porém, confessa-do no famoso telegramma do Kaiser, ao presidente Wilson, e a obstinação com que os aviadores allemães têm procurado destruir os monumentos de Pariz são evi-dentemente pouco defensaveis, revelando um hediondo fundo de selvageria, reman-nescente do antigo feitiço da alma allemã.

Ainda mesmo admittindo como exaggeradas as noticias de horribes mutilações praticadas em mulheres e creanças, pelos invasores, aquelles factos são sufficientes para cobrir a Alemanha de uma mancha indelevel.

Justamente ha um seculo, a Europa colligara-se para derrubar Napoleão, de-clarando-o fóra da lei e da humanidade.

Uma ambição desmarcada, servida por extraordinarias qualidades intellectuaes e de caracter, alargava sobre o continente gorras insaciaveis, destruindo a indepen-dencia dos povos e estabelecendo, por toda a parte, um regimen despotico.

Entretanto, esse homem que fizera o passeio triumphal de toda a Europa e en-trara, como vencedor, na maior parte de suas capitães, nunca destruiu cidades, já-mais incendiou monumentos, nem deixou se excessessem represalias sobre os ha-bitantes indefesos.

Legitimo herdeiro do genio romano pela raça e pelo espirito, o maior capitão de todos os tempos, ao abordar as margens do Nilo, recommendava ás suas tropas o respeito aos templos e monumentos do inimigo e ao submeter a Alemanha, ven-cida como poucos povos o têm sido no curso da historia, pregava ao peito de Goethe a gran-cruz da Legião de Honra, numa homenagem, pouco commum, ao representante maximo da intelligencia no paiz subjugado.

Não obstante, segundo testemunhos da época, para os allemães, eram então os francezes, «diabos» odiosos e na Inglaterra, a massa ignorante considerava Napo-leão, nada menos que o proprio Satanaz.

Ora os allemães de hoje, cortando os seios ás mulheres, decepando as mãos ás creanças e balisando sua marcha com o incendio das cidades, levam incontestavel vantagem, em crueldade e maleficios, a esses antigos «diabos» e evidentemente o Satanaz dos inglezes de 1914 eram bem mais humano e muito menos cruel do que o Santarrão germanico de capacete e coroa, cujo «coração sangra de dor» pelas depredações que não não desautorisa nem reprime.

Mais concorrem para solidificar a mu-ralha de antipathia que está se elevando entre a Alemanha e o resto do mundo, factos que por si só, caracterisam sua ar-rogancia, seu desdém brutal pelos senti-mentos mais generalizados na especie e o aspecto de ferocidade de que ella está revestido a luta.

Conta-se — e não foi desmentido — que ao receber a espada do heroico defensor de Longwy, o Kronprinz, injuriando o nobre soldado pela sua tenaz resistencia, quebrára-a de encodtro o joelho. Esse gesto de má educação e arrogancia inoppor-tuna, mostra a que ponto essa raça é in-sensível ás mais bellas qualidades huma-nas. Para ella, a bravura é uma obstina-ção irritante e o heroismo, um crime.

Ao lado dessa falta de generosidade pa-ra os adversarios, assignalam jornaes fran-

ceze a attitude dos officiaes prisioneiros, para com os proprios compatriotas tam-bem prisioneiros, mas simples soldados.

As autoridades, encarregadas desse ser-viço, têm sido obrigadas a intervir, mu-ltas vezes, para obstar que os primeiros maltratem os ultimos e cheguem a se utilizar de meios mais rudes que os va-lentes pontapés com que os mimoseam, quando, pela angustia de espaço nos trens, são obrigados a viajar juntos.

Aliás, no modo de tratar os soldados revela-se a enorme differença, entre o al-lemão e o francez. Para o general prus-siano, aquelles são os seus «homens». O francez chama-os «meus filhos».

Tambem a primeira vez que, em effec-tivos equivalentes, encontraram-se as élites dos dois exercitos, na batalha de Marne, foi o allemão que foi batido.

Imaginem agora os «neutros» — uma vez que os partidarios do dominio germa-nico se ageitarem do melhor modo aos processos que tanto lhes agradam — o que está reservado, ao mundo, no caso fe-lizmente improvavel, da victoria dessa ra-ça, cujos verdadeiros sentimentos, até aqui recalçados pela coerção dos outros povos, assim se revelam grosseiros e bru-taes.

E' por isso que as nações, que ora se batem contra sua expansão, não escondem o proposito em que se acham a seu res-peito e que tão bem exprimem aquellas palavras sensacionais de lord Roseberry, em um «meeting» de alistamento:

«A esta guerra não podem pôr termo nem uma idemnisação maior ou menor, nem uma conquista de colonias ou terri-tórios. Ella terá solução mais transcen-dente: trata-se de esmagar ou ser esma-gado».

Tenente Gilbert

15-10-1914.

(Da Epoca, de 24 de Outubro)

AGRICULTURA

A terra e a atmosphera representam o papel de vastos «laboratorios» da vida, vegetal e animal.

O vegetal é, por sua vez, o grande «reservatorio», do qual o homem e o ani-mal retiram o elemento necessario á sua nutrição.

O estudo, pois, das plantas e dos ani-maes que fornecem directamente ao ho-mem os elementos para sua nutrição per-tence ao dominio da Agricultura, da qual formam dois importantes ramos: — a phytotechnia ou a cultura das plantas e a zootechnia ou a criação dos animaes do mesticos.

Daquí, resulta que a Agricultura se impõe á attenção e ao estudo do homem pelo interesse de vital relação, que o liga á planta e ao animal, por isso que reu-ne o multiplice aspecto: — scientifico, industrial, artistico, economico, legislati-vo e moral.

Ella pôde, pois, ser definida: «a sciencia da economia interna da alimentação do homem».

Cuidarmos, pois, da Agricultura, é cuidarmos de nós mesmos.

Exercida em sua maioria pelas classes pobres, que não pôdem eleva-la ao seu verdadeiro gráo de perfeição, é despreza-da pelos abastados, que lhe recusam o auxilio dos seus capitães e pelos gover-nos que a tratam como «besta de carga».

São grandes as accusações, diariamen-

te feita ao pequeno orçamento que o nosso Congresso vota em nome da Agricultura, (aliaz o menor entre todos) de ser ella a causa do «deficit» financeiro do paiz. Irrizorio!

Vasta em seus principios e nobre em seus fins, a Agricultura deverá ser a fonte principal da nossa riqueza, a alavanca poderosa do progresso do nosso Estado, que encerra nella todas as esperanças do seu vasto futuro.

X.

Conhecem-se as pessoas de distincção pelo perfume que usam



Vende-se no "Salão Brazil" de ALBERTO CORREIA

PRAÇA 15 DE NOVENBRO N. 27

E' só no que se falla!

Nos biffes, no mocotô às 5as. feiras e domingos; no camarão; nos frangos assados, nas feijoadas às 3as. feiras; nas empadas, nos doces, nos pães, na peixada,—que se comem com delicia no **BAR FAMILIAR**

Praça 15 de Novembro n. 9

Todos devem fumar os saborosos
cigarros

**Gina, Severa, Eva, Borboleta
e Affonso XIII**

Na **PHARMACIA SANTO
AGOSTINHO**

encontrareis os seguintes medicamentos:

VERMICOLOL — o vermífugo sem rival.
BRONCATROL — o unico xarope que cura tosse em 24 horas.
FERRHEOL — o rei dos depurativos.
ELIXIR DE CAMOMILLA E GUARANA — incomparavel debelador das molestias do estomago.

HENRIQUE BRUGGEMAN & CIA.

Rua João Pinto, 6

Contra factos não ha argumentos!

Está mais do que provado que a **INTERNACIONAL** é de todas as mutuas a mais preferida, pois com 2\$500 gosa-se de sorteios no valor de rs. 13:000\$000 mensaes. Peçam prospectos a **Elysio Simões**.

Casa ANTONIO PAROCCO

Rua João Pinto n. 26. — Florianopolis

Variado sortimento de Generos alimenticios. Conservas, bebidas nacionaes e estrangeiras, louças, artigos de esmalte, tintas, oleos, lampões, ferragens e cigarros. Especial manteiga de pinhal.

Quaes são os melhores biscoitos?

Incontestavelmente os melhores
e mais procurados são os

LUCINDA

Representante: **ELYSIO SIMÕES**.

FUMAR SO' OS CIGARROS

I. A.

Que são os melhores, os mais saborosos e economicos.

Achylles Wédekín dos Santos
Cirurgião-Dentista

Executa em sua clinica dentaria qualquer trabalho concernente ao ramo, sob garantia e pelos mais modernos e aperfeçoados methodos.

Especialista em molestias da bocca e extracções sem dor.

Florianopolis - Praça 15 de Novembro n. 8

CASA CAMPOS

Especialista em artigos finos para homens. Completo e modernissimo sortimento de chapéus.

Grande stock de perfumarias estrangeiras e cutelaria finissima.

Praça 15 de Novembro n. 29

A Soberana

Companhia Constructora Predial e Anniversarios

Entre 21 socios sorteados em 20 de Outubro foram contemplados neste Estado:

José N. Navarro Lins — Joinville

Cezar Nicola — Joinville

Fre. Mario Livramento — Florianopolis

Dr. Samuel S. Hobo — Tubarão

Agente: **A. CARVALHO**

Salão Sepitiba

à Rua Tiradentes, esquina Saldanha
Marinho

CONFORTO E HYGIENE!

ULTIMA HORA!

Botinas bem engraxadas
e jornaes baratos, só na
Rua Republica n. 5.

GIL AMADEU BECK

Constantino Garofalis & C.

Casa de Comissões, Consignações
e Conta Propria.

Exportação e Importação de café, farinha de mandioca etc.
xaropes, sal, vinhos, conservas e farinha de trigo das seguintes
marcas FAVORITA, RIO BRANCO de Buenos Ayres, EXTRA
FLOR e CORONA de Joinville e RAINHA BRANCA de Norte
America.

Rua Conselheiro Mafra n. 23

PHARMACIA POPULAR

de José Christovão de Oliveira

à Praça 15 de Novembro

Tem grande sortimento de drogas nacionaes e estrangeiras e homeopantias dos melhores fabricantes.

Aviém-se receitas a qualquer hora da noite.

A Previdencia Dotal Brasileira

tem distribuido aos seus associados, no presente anno, mais de

rs. 8:108:379.090.

Agente e banqueiro neste Estado:

Arnaldo Carvalho

Hotel Macedo.

Salão de Bilhar

**Vasto e Confortavel
de Alvaro Camillo
à Praça 15 de Novembro**

(Entrada pela Rua Republica)